



A PRODUÇÃO DA VOGAL FINAL /i/ EM DISSÍLABOS DO INGLÊS POR APRENDIZES BRASILEIROS – UMA QUESTÃO DE TEMPO

Ana Paula Petriu Ferreira Engelbert¹
Adelaide Hercília Pescatori Silva²

1. Introdução

O aprendizado de uma língua estrangeira (L2) é um processo complexo e dinâmico que requer do indivíduo não somente o domínio de aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos e discursivos, mas também a capacidade de inter-relacionar cada um desses aspectos. No que concerne aos campos da fonética e da fonologia, o aprendiz de uma L2 precisa dar conta de produzir sons e utilizar padrões silábicos, acentuais e rítmicos usualmente estranhos aos de sua língua materna (L1), além de conhecer as relações que estes elementos têm entre si. Assim, é comum que o indivíduo utilize-se de padrões fonético-fonológicos de sua L1 na produção de enunciados em L2, por vezes, comprometendo a inteligibilidade de sua fala. Zimmer & Alves (2007) explicam a forma pela qual a L1 exerce influência sobre a produção em L2:

Inicialmente, a aprendizagem da língua estrangeira é altamente influenciada pelas estruturas da L1. Ao construir ligações diretas entre sons e significados na L2 e ao reestruturar conceitos já existentes na língua materna, o aprendiz vai, pouco a pouco, aumentando o acesso automático ao léxico e à estrutura do conhecimento fonético-fonológico na L2 sem recorrer tanto à L1. Essa reestruturação desfaz a forte associação inicial entre a língua materna e a estrangeira, embora algum grau de transferência entre as duas línguas esteja sempre presente, dada a natureza interativa do processamento cognitivo (MACWHINNEY, 2001). (ZIMMER & ALVES, 2007)

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal do Paraná. anapaulapetriu@gmail.com Endereço: Rua Paranaguá, 451, apto 3B. CEP: 80610-025. Curitiba-PR. Fones: 41-3319-4583, 41-9993-1854

² Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Letras em Estudos Linguísticos da Universidade Federal do Paraná. adelaidhpsilva@gmail.com Endereço: Rua Gal. Carneiro, 460. Ed. D. Pedro I – 11º andar. CEP: 80.060-150, Curitiba-PR. Fone: 3360-5092.

Um grande número de pesquisas tem sido realizado no Brasil com o intuito de verificar a aquisição da fonologia de inglês como L2 por aprendizes brasileiros. Alguns destes estudos foram realizados para verificar a presença ou a ausência de uma vogal epentética após consoantes oclusivas em posição de coda em palavras da língua inglesa produzidas por aprendizes brasileiros (MAJOR, 1986; MAJOR 1987; FERNANDES, 1996; BAPTISTA & SILVA FILHO, 1997; KOERICH, 2002; SILVEIRA, 2004; ALVES, 2004; FERREIRA, 2007). Os estudos mostraram que o aprendiz produz, em maior ou menor taxa, uma vogal epentética após oclusivas em coda silábica em palavras do inglês, principalmente, por conta de diferença entre as estruturas silábicas desta L2 e do português. Contudo, os *erros* de produção encontrados nestas pesquisas não foram atribuídos somente à transferência do padrão silábico do português para o inglês; fatores como nível de proficiência na L2, relações de marcação e ambiente fonológico também provaram ter influência sobre a produção da epêntese. Há ainda o fato de que esses estudos basearam-se em análise de oitiva, o que pode sugerir aos pesquisadores de forma a escutarem algo esperado, mas não realizado efetivamente.

Dentro do mesmo tema, foi constatado, na pesquisa de Ferreira (2007), que os aprendizes, pelo menos em nível intermediário de proficiência em inglês, produziam a vogal epentética depois de oclusivas em coda em apenas 7% dos casos. Esse estudo tinha, como objetivo, verificar se os aprendizes produziam a diferença entre vocábulos terminados em oclusivas (como em *luck*) e vocábulos dissílabos terminados no grafema *y* (como em *lucky*). Foi feita a análise acústica dos dados colhidos e verificou-se que, embora os aprendizes produzissem algum tipo de fricção após a soltura dos articuladores na realização dos segmentos oclusivos em final de palavra, a vogal epentética foi realizada em poucos casos. Explica-se esta baixa taxa de ocorrência, principalmente, pelo nível de proficiência dos aprendizes. Portanto, chegou-se à conclusão de que os brasileiros, na medida em que avançam no estudo de inglês como L2, deixam de inserir a vogal epentética, assim produzindo a diferença entre palavras como *luck* e *lucky* na grande maioria dos casos. Entretanto, outro fato ficou evidenciado na produção dos aprendizes brasileiros no que concerne às palavras dissílabas: as vogais finais eram bastante reduzidas em duração em comparação com as vogais realizadas pela falante nativa de inglês, cuja produção foi coletada para a pesquisa. Os dados coletados não eram suficientes para afirmar-se que os brasileiros produzem vogais finais de dissílabos com duração reduzida, já que a pesquisa contou com dados de uma única falante nativa do inglês. Porém, parece haver uma tendência do aprendiz brasileiro a emitir vogais, em final de palavra do inglês, de maneira parecida com as vogais átonas finais do português. Isso acontece porque os brasileiros produzem os dissílabos do inglês com o mesmo padrão acentual de dissílabos paroxítonos do PB, o que faz com que a primeira sílaba seja, via de regra, mais longa que a segunda, a qual, por conseguinte, acaba carregando uma vogal que se

comporta de modo semelhante a uma átona final.

2. Correlatos acústicos do acento em português e em inglês

Com o objetivo de estabelecer-se a relação entre os níveis fonético e prosódico no processo de aquisição da língua inglesa por brasileiros, faz-se necessária a descrição dos padrões acentuais e seus correlatos acústicos de ambas L1 e L2. Segundo Massini-Cagliari (1992, p.9), “modelos fonológicos mais recentes (não lineares) têm definido “acento” como uma relação de *proeminência* entre sílabas: as mais proeminentes são as tônicas ou acentuadas e as menos proeminentes, as átonas.”. A mesma autora aponta que essas proeminências são realizadas no nível fonético – acústico e articulatório – de diferentes maneiras em cada língua. Cabe ressaltar a característica relativa do acento, apontada por Clark & Yallop (1995), que afirmam que a sílaba não é tônica ou átona em termos absolutos, mas em relação à tonicidade ou atonicidade das sílabas vizinhas ou de outros pontos de referência. Tais proeminências são caracterizadas como saliências fônicas no nível fonético, podendo ser tratadas em termos lexicais ou relacionadas ao ritmo da língua. O acento lexical tem *status* fonológico no português e no inglês. Isso quer dizer que palavras idênticas em sua composição segmental podem ter características morfológicas e/ou semânticas distintas, como em 'sáb^{ia}(adj)/sa'bia(v)/sabi'á(s) em português e como em *per'mit(v)/'permit(s)* em inglês.

Em pesquisa realizada com o objetivo de descrever o acento lexical em português, Massini (1991) chegou à conclusão de que a duração é o principal correlato físico no português brasileiro, tendo as sílabas tônicas uma maior duração, e as átonas, menor duração. Nesta mesma pesquisa, a autora também investigou a relação entre acento e intensidade, e concluiu que a queda brusca da amplitude em sílabas pós-tônicas pode ser considerada outro correlato físico do acento em PB. E, ainda, ao relacionar estes dois correlatos acústicos, ela obteve os seguintes resultados: “... em 29% dos casos, o acento é caracterizado somente pela duração, em 10% somente pela intensidade, enquanto que, em 61% dos casos, o acento encontra-se marcado foneticamente pelos dois parâmetros” (MASSINI-CAGLIARI, 1992, p. 23). Portanto, a interação, entre esses dois parâmetros, mostrou-se muito importante para a caracterização do acento lexical em PB. Além de duração e intensidade, a qualidade das vogais também é modificada por conta do acento, apontando o levantamento e a centralização das vogais átonas. Por fim, a variação da frequência fundamental (F0) também foi analisada, e mostrou-se irrelevante para a caracterização fonética do acento no nível lexical.

De fato, não há somente um correlato físico que caracterize o acento de uma língua, mas uma co-ocorrência dos parâmetros mais associados ao acento lexical do que outros. Além disso,

a importância desses parâmetros varia de língua para língua, bem como sua relativa independência (LEHISTE, 1970). No caso da língua inglesa, há um grande número de pesquisas que procurou determinar mais precisamente a hierarquia dos correlatos acústicos do acento em inglês e a relação que eles têm entre si. Fry (1955, 1958), em seus estudos utilizando fala sintética, concluiu que F0, intensidade e duração afetam a identificação do acento e que alterações em duração (mas não em intensidade) eram suficientes para o acento ser identificado de maneira diferente. Para esse autor, a hierarquia desses correlatos acústicos seria F0, duração e intensidade. Lieberman (1960) atribuiu maior importância à F0 para a identificação do acento, seguida da intensidade e, por último, da duração. Outros estudos (FEAR, CUTLER, & BUTTERFIELD, 1995; SLUIJTER, VAN HEUVEN, & PACILLY, 1997) consideram redundantes os correlatos acústicos do acento em inglês e acreditam que o segmento sempre fornece informações acentuais. Portanto, segundo pesquisas até hoje realizadas, embora não haja completa consonância entre os autores, a F0 parece ser o correlato acústico mais confiável para a identificação do acento, seguida de duração e intensidade.

3. Duração da vogal final em dissílabos do inglês em Ferreira (2007)

A referida pesquisa contou com 13 informantes – 12 brasileiros³ e uma estadunidense – que foram gravados lendo uma frase veículo (*Say X, please*) que continha as seguintes palavras-alvo: *pop/poppy, bob/bobby, pet/petty, dad/daddy, luck/lucky, bug/buggy*. Os dados de vocábulos de padrão CVCV foram analisados e foi constatado que, em apenas 16,7% dos casos, os aprendizes brasileiros produziram vocábulos com algum *desvio*, como, por exemplo, a palatalização, a africacão ou a aspiração da última consoante, o ensurdecimento da última vogal, e a não realização da vogal final em alguns casos. Entretanto, constatou-se, nos dados produzidos pelos brasileiros, que a duração das vogais finais destas palavras era significativamente menor do que a dos dados da falante nativa de inglês. As medidas de duração das vogais finais foram apresentadas na dissertação (p. 124) e confirmam a tendência dos brasileiros a produzir vogais mais curtas em posição átona final:

³ Os aprendizes brasileiros tinham entre 250 e 300 horas de instrução em língua inglesa e estavam entre os níveis B1 e B2 do Quadro Comum Europeu de Referência para Línguas, equivalente ao intermediário.

Informantes		FN	Brasileiros
poppy	Média	23,9	12,1
	desv. padrão	4,4	4,2
bobby	Média	24,8	15,1
	desv. padrão	2,9	3,3
petty	Média	25,4	9,5
	desv. padrão	4,4	5,7
daddy	Média	24,4	16,5
	desv. padrão	1	4,4
lucky	Média	19,3	8
	desv. padrão	3,6	4,4
buggy	Média	32,2	16,1
	desv. padrão	2,1	4,4

Tabela 1: duração relativa da vogal final (em relação à duração da palavra) e desvio padrão, sendo as médias dos dados dos doze informantes brasileiros contrastados com as da falante nativa (FN).

Através desses resultados, pode-se verificar que as vogais finais produzidas pelos brasileiros são bastante reduzidas em duração quando comparadas às emitidas pela FN, que ocupam em média 23% da duração da palavra toda. Em apenas dois casos, as vogais produzidas por brasileiros foram mais longas do que as da FN. Em 40% dos casos, a duração das vogais emitidas por esses foi menor que a metade da \emptyset das vogais produzidas pela FN, revelando uma possível influência do padrão acentual de dissílabos do português na produção das vogais finais dos dissílabos de língua inglesa. Os números do desvio padrão mostram maior variância nos dados dos brasileiros, principalmente, na produção de *petty* e *lucky*.

4. Objetivos

Esta pesquisa tem, por objetivo, verificar se a duração das vogais finais, em palavras CVCV do inglês produzidas por brasileiros, é, realmente, menor do que a de falantes nativos. A hipótese é de que os brasileiros produzam vogais finais mais curtas do que as dos falantes nativos. Considerando-se que, no PB, a pista acústica mais importante para a caracterização do acento é a duração e que, no inglês, é a variação de F0, parece ser razoável especular que a maneira pela qual os brasileiros realizam as vogais átonas finais do PB influencia a produção das vogais finais de dissílabos do inglês. Portanto, pretende-se investigar se esta característica do PB afeta a produção dos vocábulos do inglês por aprendizes brasileiros.

5. Metodologia

Alguns dados analisados no presente estudo fazem parte do corpus coletado para a pesquisa de Ferreira (2007)⁴. Foram selecionados os dados de seis sujeitos brasileiros daquela pesquisa – três do sexo masculino e três do feminino –, bem como os da falante nativa. Além desses dados, foram gravados dois outros falantes nativos – um do sexo masculino e outro do sexo feminino –, produzindo os mesmos vocábulos da pesquisa de Ferreira (2007). Assim, foram analisados, acusticamente, dados de seis brasileiros aprendizes de inglês em nível intermediário e de três falantes nativos – todos estadunidenses. A produção dos sujeitos da pesquisa foi estudada por meio do programa *Praat* quanto à duração das vogais finais das palavras de estrutura CVCV (*poppy*, *bobby*, *petty*, *daddy*, *lucky*, *buggy*). Foram medidas as durações da vogal final e da sentença veículo, para, posteriormente, servirem de base para o cálculo da duração relativa do segmento em questão. Os parâmetros utilizados na interpretação dos eventos acústicos foram baseados em Kent & Read (1992).

6. Resultados

A análise dos dados confirmou a hipótese do estudo, revelando características duracionais da produção dos brasileiros bastante distintas em relação às dos dados dos falantes nativos. A duração das vogais finais dos nativos é sensivelmente maior do que a dos aprendizes brasileiros. Os gráficos abaixo representam essa diferença:

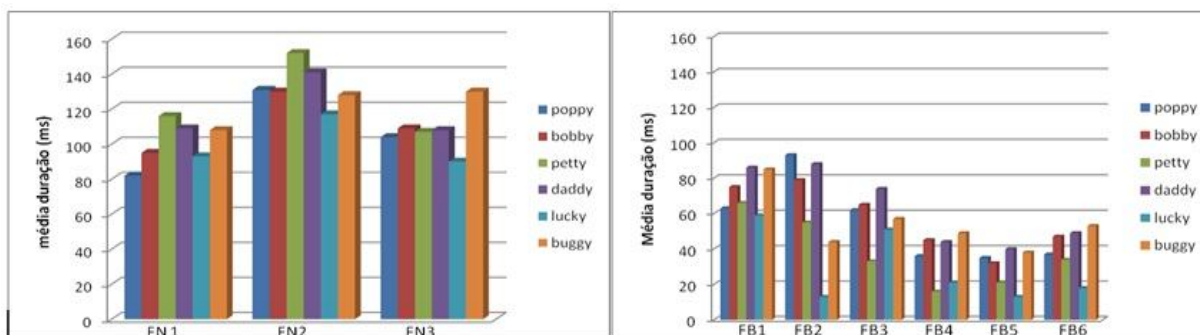


Figura 1: médias de duração em milissegundos das vogais finais dos três falantes nativos (FN) e dos seis aprendizes brasileiros (FB).

⁴ Os sujeitos de Ferreira (2007) – 12 brasileiros aprendizes de inglês em nível intermediário e uma falante nativa – foram gravados lendo uma frase veículo (*Say X, please*) que continha as palavras-alvo *pop/poppy*, *bob/bobby*, *pet/petty*, *dad/daddy*, *luck/lucky*, *bug/buggy*, além de palavras distratoras. Foram gravadas três repetições de cada sujeito em estúdio com isolamento acústico.

De maneira geral, é possível perceber a grande diferença na duração das vogais produzidas pelos falantes nativos e pelos brasileiros. Em casos como o da palavra *lucky* emitida pela informante brasileira de número 2 (FB2), a média muito baixa é justificada pela não produção da mesma em algumas das repetições.

Com relação à duração relativa, os dados reforçam a discrepância entre a duração das vogais dos nativos e a dos brasileiros. A duração relativa da vogal na sentença é um parâmetro de comparação mais relevante, já que um segmento não é mais curto ou mais longo em termos absolutos, por depender a duração de fatores como taxa de elocução. Se os brasileiros produzissem vogais mais curtas por conta de uma maior velocidade da fala, a duração relativa seria maior, o que não acontece, como vemos nos gráficos a seguir:

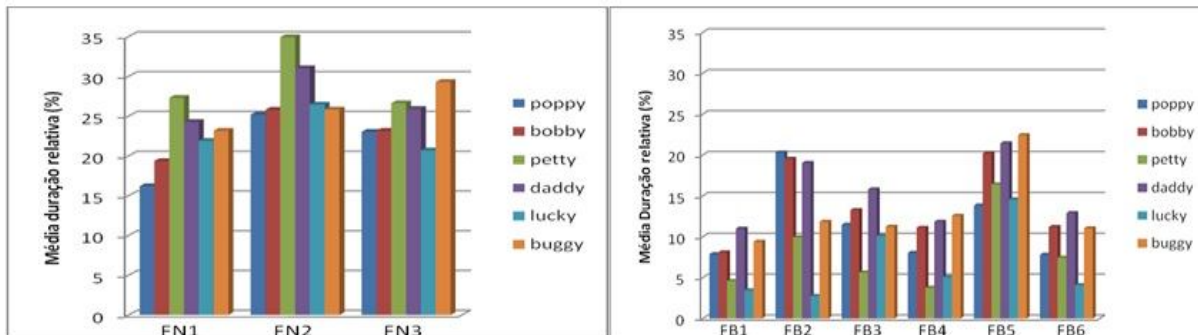


Figura 2: médias da duração relativa das vogais finais dos falantes nativos (FN) e dos informantes brasileiros (FB).

Fica bastante claro que os brasileiros não produzem vogais tão longas quanto os nativos o fazem, seguindo a tendência apontada no estudo de Ferreira (2007). Outro ponto evidente é que as médias de duração relativa produzidas pelos falantes nativos mostram que estes parecem regular a duração da vogal em função do ponto de articulação da consoante precedente: as vogais seguidas das oclusivas alveolares são mais longas do que as seguidas de velares, que, por sua vez, são mais longas do que as seguidas das bilabiais. Essa relação não é verificada com regularidade nos dados dos falantes brasileiros.

Os dados de duração relativa da produção de brasileiros e de falantes nativos revelam que os aprendizes ainda não adquiriram a característica duracional da vogal inglesa nesta posição acentual. A maioria dos brasileiros, como mostra a tabela a seguir, realiza a vogal muito mais curta do que os nativos:

Informante Palavra		FB1	FB2	FB3	FB4	FB5	FB6	FN1	FN2	FN3
Poppy	Média	7,9	20,3	11,4	8	13,8	7,8	16,2	25,2	23
	desv. pad.	4,2	2,8	0,4	0,7	0,8	1,7	0,4	2,4	3,5
Bobby	Média	8,1	19,5	13,2	11,1	20,2	11,2	19,3	25,8	23,1
	desv. pad.	0,3	3,4	2,4	1,9	0,8	3,6	2,6	6	2,4
Petty	Média	4,6	9,9	5,6	3,8	16,4	7,4	27,3	34,9	26,6
	desv. pad.	0,9	8,7	1,8	3,5	3,3	2,9	1	3,3	2,9
Daddy	Média	11	19	15,8	11,8	21,4	12,9	24,2	31	26
	desv. pad.	0,8	1,5	2,1	2,4	4,4	1,1	0,6	4,5	2,1
Lucky	Média	3,4	2,8	10,1	5,1	14,5	4,1	21,9	26,4	20,7
	desv. pad.	3,2	4,8	4,4	4,4	2,6	3,2	4,9	0,8	3,5
Buggy	Média	9,4	11,8	11,2	12,5	22,4	11	23,1	25,8	29,3
	desv. pad.	1,7	2,1	1,8	1,9	1,9	1,9	2,2	5,5	3

Tabela 2: média da duração relativa da vogal e desvio padrão em % para cada uma das palavras produzidas pelos informantes brasileiros e nativos.

FB5 foi o aprendiz que produziu vogais mais próximas, em termos de duração, às dos falantes nativos e, também, o que apresentou menor variância na produção dos dados. Em *bobby*, *daddy* e *buggy*, as médias de duração relativas chegaram muito perto das médias dos nativos. Por outro lado, em *poppy*, *petty* e *lucky*, as médias deste brasileiro foram consideravelmente mais baixas do que as dos nativos. As vogais produzidas por FB5 foram mais longas quando sucediam oclusivas sonoras, o que parece ter sido a tendência para os demais informantes brasileiros. Os dados dos nativos não indicam tal tendência; as médias das vogais que sucedem oclusivas sonoras não são regularmente mais longas do que as que sucedem oclusivas surdas. Essa característica da produção, nos dados dos brasileiros, parece ter relação com a realização de ruídos fricativos mais longos após a soltura dos articuladores da oclusiva surda. É natural que, quando há soltura dos articuladores, haja a realização de algum ruído fricativo – isso também acontece nos dados dos falantes nativos. Porém, os ruídos observados depois da soltura dos articuladores, nos dados dos brasileiros, tinham maior duração, de certa forma influenciando a produção da vogal final; pois, nestes casos, a vogal apresentava duração bastante reduzida. Para ilustrar essa característica, temos a figura a seguir:

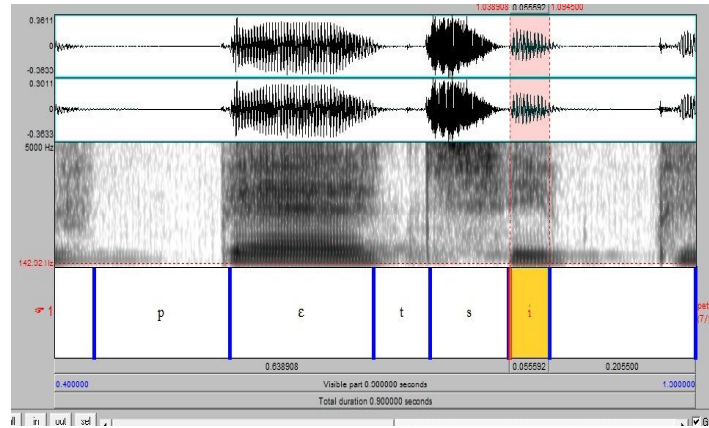


Figura 3: espectro e espectrograma de um dos dados *petty* por uma informante brasileira.

Este dado apresenta a realização de um ruído após o *burst*, neste caso, uma fricativa alveolar, de, aproximadamente, 114 ms. A vogal, no entanto, dura apenas 50 ms. A realização desse ruído fricativo pode acontecer em alguns dialetos do inglês, porém, mesmo com a produção dele, falantes nativos, provavelmente, não encurtariam a vogal seguinte. Em vários outros dados dos brasileiros, houve a produção de tais ruídos, que, por vezes, até continham os formantes da vogal /i/, como é o caso da figura a seguir:

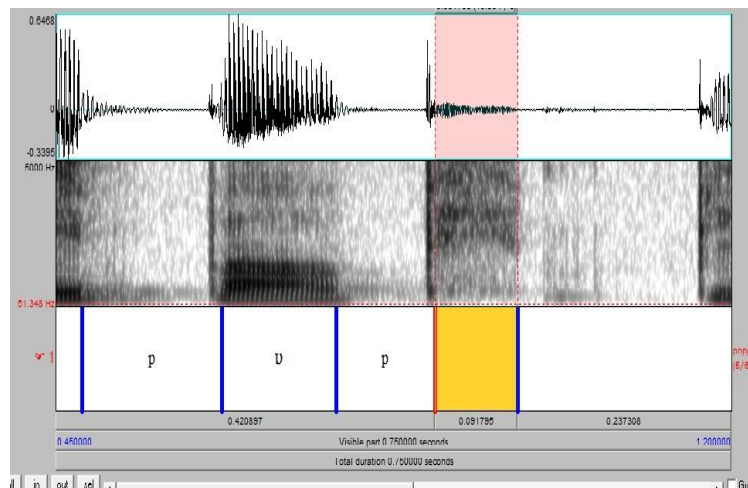


Figura 4: espectro e espectrograma de um dos dados de *poppy* por uma informante brasileira

Pode-se verificar, nesta figura, que a informante produz um evento acústico bastante parecido com a vogal /i/, porém sem vibrar as pregas vocais. O evento em questão tem mais de 90 ms de duração – tempo razoável se comparado com o das vogais dos falantes nativos.

Portanto, com base na análise acústica dos dados dos brasileiros selecionados para este estudo, pode-se afirmar que a duração da vogal final, em palavras dissílabas do inglês, não

corresponde aos valores médios apresentados pelos falantes nativos. Embora não tenhamos analisados, neste estudo, dados do português brasileiro com relação à duração de vogais átonas finais, Massini-Cagliari (1992) assegura que vogais átonas, especialmente as pós-tônicas, têm menor duração e intensidade do que as tônicas. Por outro lado, na língua inglesa, a duração não figura como principal correlato do acento, ficando atrás de variação na F0 e intensidade, como aponta Lieberman (1960). Constata-se tal característica no seguinte dado:

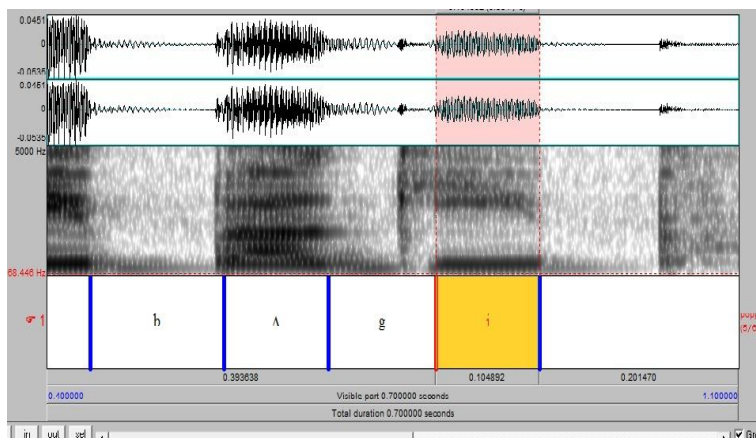


Figura 5: vogal final da palavra *buggy* produzida por uma falante nativa

Nesta figura, podemos conferir que a vogal final tem a mesma duração da vogal tônica da palavra, 105,6 e 104,8 ms, respectivamente. Essa característica é recorrente em outros dados do estudo, apontando a diferença duracional entre o PB e o inglês. Tal diferença pode influenciar a produção dos brasileiros aprendizes do inglês, principalmente, nos primeiros estágios de proficiência.

7. Conclusão

A partir dos resultados apresentados, pode-se concluir que os aprendizes brasileiros realizam vogais finais de vocábulos dissílabos do inglês mais curtas do que os falantes nativos. Tal fato pode ser justificado pela diferença entre o PB e o inglês no que diz respeito à realização fonética do acento lexical. Parece que brasileiros, pelo menos os que ainda não foram além do nível intermediário de instrução em língua inglesa, não fazem o ajuste temporal necessário para a produção da vogal final da L2, já que, no PB, eles produzem vogais bem mais breves. Algumas questões ainda permanecem: quais são as características duracionais das vogais átonas finais do PB? Como os brasileiros produziram a vogal final em palavras sem o morfema *-y*, como em *happy* ou em *honey*? Aprendizes brasileiros produzem vogais com maior duração assim que atingem níveis mais altos de proficiência?

Referências Bibliográficas

- ALVES, U. K. (2004). *O papel da instrução explícita na aquisição fonológica do inglês como L2: Evidências fornecidas pela Teoria da Otimidade*. Dissertação de Mestrado não publicada. UCPel: Pelotas – RS.
- BAPTISTA, B. O., & SILVA FILHO, J.L.A. (1997) The influence on markedness and syllable contact on the production of English consonants by EFL learners. Trabalho apresentado no New Sounds 1997: *Proceedings of the Third International Symposium on the Acquisition of Second Language Speech*. Klagenfurt, Austria.
- CLARK, J. & YALLOP, C. (1995) *An Introduction to Phonetics and Phonology*. Cambridge: Blackwell.
- FEAR, B., CUTLER, A., & BUTTERFIELD, S. (1995). The strong/weak syllable distinction in English. *Journal of the Acoustical Society of America*, 97(3), 1893-1904.
- FERNANDES, P. R. C. (1997) *A epêntese vocálica na Interfonologia do Português/Inglês*. Dissertação de Mestrado não publicada, UCPel, Pelotas.
- FERREIRA, A.P.P. (2007). *Pet or petty? Diferenças entre palavras CVC e CVCV do inglês por aprendizes brasileiros: uma análise acústica*. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Letras.
- FRY, D. B. (1955). Duration and intensity as physical correlates of linguistic stress. *Journal of the Acoustical Society of America*, 27(4), 765-768.
- FRY, D. B. (1958). Experiments in the perception of stress. *Language and Speech*, 1(2), 126-152.
- KENT, R.D.; READ, C. (1992) *The Acoustic Analysis of Speech*. San Diego : Singular Publishing Group.
- KOERICH, R. D. (2002). *Perception and production of Vowel Epenthesis in Word-Final Single Consonant Codas*. Tese de Doutorado não publicada. Florianópolis: UFSC.
- LEHISTE, I. (1970) *Suprasegmentals*. Cambridge: The M. I. T. Press.
- LIEBERMAN, P. (1960). Some acoustic correlates of word stress in American English. *Journal of the Acoustical Society of America*, 32(4), 451-454.
- MACWHINNEY, Brian. (2001) The competition model: the input, the context, and the brain. In: ROBINSON, Peter (ed). *Cognition and second language instruction*. Cambridge: CUP, p. 69-90.
- MAJOR, R. C. (1986) Paragoge and degree of foreign accent in Brazilian English. *Second Language Research*, 2(1), 53-71.
- MAJOR, R. C. (1987) A Model for Interlanguage phonology. In G. Ioup & S.H. Weinberger (Eds.), *Interlanguage phonology: The Acquisition of a Second Language Sound System*. (p. 101-124). New York: Newbury House.
- MASSINI, G. (1991). *A duração no estudo do acento e do ritmo do português*. Campinas: IEL/UNICAMP. Dissertação de Mestrado.

MASSINI-CAGLIARI, G. (1992). Acento e ritmo. São Paulo, Contexto.

SILVEIRA, R. (2004). *The influence of pronunciation instruction on the perception and production of English word-final consonants*. Tese de Doutorado não publicada. Florianópolis: UFSC

SLUIJTER, A., van HEUVEN, V., & PACILLY, J. (1997). Spectral balance as a cue in the perception of linguistic stress. *Journal of the Acoustical Society of America*, 101(1), 503-513.

ZIMMER, M. & ALVES, U.K. (2007). A desonorização terminal na aprendizagem da L2: evidências do *continuum* fonética-fonologia. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 42, n. 3, p. 56-68.

RESUMO

O processo de aprendizagem de uma L2 é fortemente influenciado por padrões da L1, principalmente, em estágios iniciais da aquisição. Zimmer & Alves (2007) afirmam que os aprendizes, gradualmente, aumentam o acesso automático às estruturas fonética e fonológica, embora algum grau de transferência sempre exista. O presente estudo tem, por objetivo, verificar a influência de uma característica prosódica e seus correlatos acústicos do PB na produção de palavras em inglês, a saber, se as características da vogal átona final do PB, em termos de duração, são transpostas para vogais finais da língua inglesa. Os dados acústicos mostram que os brasileiros produzem vogais com menor duração do que as produzidas por falantes nativos de língua inglesa.

PALAVRAS-CHAVE: duração; vogal átona final; aquisição de L2; fonética acústica

ABSTRACT

The process of learning an L2 is strongly influenced by L1 patterns, mainly in early stages of acquisition. Zimmer & Alves (2007) state that learners gradually increase automatic access to L2 phonetic and phonological structure and reduce access to L1 patterns, although a certain degree of transfer will always exist. The present study aims at verifying the influence of a prosodic pattern and its acoustic correlates from Brazilian Portuguese (BP) on the production of English words: if durational characteristics of BP unstressed word-final vowel affects the production of English word-final vowel /i/. Acoustic data show that English word-final /i/ produced by Brazilians have considerable shorter duration in relation to native speakers' vowels.

KEYWORDS: duration; unstressed vowels; L2 acquisition; acoustic phonetics